



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

LOURENÇO MARQUES

A habitação é um direito inerente à dignidade da pessoa humana, não apenas no sentido do simples abrigo ou casa onde uma família se aloje, mas também em condições que satisfaçam «a necessidade da vida social que não se confina ao espaço, mas sim a um conjunto de equipamentos e serviços colectivos que possibilitem a vida em comunidade».

Aqui em Lourenço Marques está em ordem do dia o problema do Caniço. Para ele se estruturou adequadamente um Organismo que busque no complexo de causas e efeitos a solução mais racional e profundamente humana. Não sei ainda porquê, mas segundo o que veio a público, os caminhos escolhidos não foram aceites por a quem compete a decisão final. Creio não vamos demorar no impasse, até porque os dinheiros investidos no estudo são de tal montante que comprometem toda a estrutura do Organismo oficial.

Os jornais que tantos inquéritos lançaram à opinião pública,

têm silenciado, neste caso certamente confiantes na competência indiscutível dos técnicos. Mas não podem de modo algum ficar indiferentes em assuntos de tanto interesse, quer no aspecto social e cristão restrito a Lourenço Marques, quer nas repercussões a nível extra-territorial da nossa tão apregoada integração social.

Frequentemente pedem passagem pela nossa quinta famílias que transportam em camionetas os seus haveres e as suas barracas desmontadas, à procura de locais mais seguros, longe da cidade. E estamos a mais de quinze quilómetros! O que isto implica na vida dos economicamente débeis, não é certamente um dado a menosprezar. «O preço do transporte e o tempo perdido nele e

Continua na TERCEIRA página

Visado pela

Comissão de Censura



Tribuna de Coimbra

Natal! Sentimos ainda o doce da festa. Cansa-nos o corpo e fortalece-nos o espírito. Dá-nos mais alento para a caminhada. Sentimo-nos mais irmãos e mais família.

Vi tanta alegria nos vendedores de «O Gaiato» — na boa venda, na gorjeta, nos presentes, nos carinhos — que lhes disse para pedirem ao Menino Jesus que todas as vendas fossem

Uma rua da nossa Aldeia de Miranda do Corvo, com a Capela ao fundo.

Tocou para o almoço. Fecham as oficinas e escola. E ei-los a caminho.

sem em tempo de Natal. Vieram também muitas pessoas com presentes, embora as prendas que pedi não tenham ainda chegado.

Mas a nota sempre mais viva e mais cheia é a presença dos nossos que já não vivem conosco. Muito antes começa o correio a trazer recados e o telefone torna-se mais rápido. Os que ainda não têm família não trocam a noite de Natal de nossa Casa por nada.

Uns dias antes veio um com a esposa no seu carro e trouxe um saco com grandes bacalhau — chega para a consoada? Outro mandou bolos-rei e vinho fino pela mulher e os filhos, pois ele não pôde abandonar o café. Outros vieram com dinheiro ou diferentes miolos.

Veio o Augusto (Pião). Recordou a sua primeira chegada há trinta anos. Chamava mãe à Senhora. Andava de bibe e de colo em colo. Contou coisas lindas e também coisas amargas da sua vida, por causa da doença. Cantou fados de Lisboa.

Veio o Victor (Tótó). Há vinte anos era ele dos mais pequeninos. Só conheceu a Mãe depois de regressar do Ultramar, do cumprimento de serviço militar. Deliciou-nos com

Continua na TERCEIRA página

quanto se processa já a edificação da casa de lavoura e temos entre mãos outros projectos, entre os quais se destacam o da lavandaria e o do parque infantil. Entretanto, vamos sonhando já com a segunda casa para os Rapazes e as instalações desportivas da Aldeia, aliás indispensáveis para uma conveniente formação e educação dos jovens vindos até nós.

Perguntarão os leitores onde é que vamos buscar os fundos necessários para obras de tão grande vulto. Uma informação podemos dar: até agora nada recebemos de participação oficial, embora a aguardemos para a casa de habitação cuja construção está em causa. E a maquinaria, mobiliário e o resto dos apetrechos? Não sabemos responder, mas, se como o Papa afirmou em 2 do corrente, «não devemos perder o tempo» e «cada hora é preciosa, cada dia é único e cada ano tem o seu próprio valor», confiamos que 1972, tanto quanto pode um mortal afirmá-lo, será de esforço

Continua na TERCEIRA página

Aqui Lisboa

Diz o livro de efemérides desta Casa do Gaiato que «no dia 26 de Dezembro de 1947 chegaram os fundadores, cinco gaiatos de Miranda e cinco de Paço de Sousa», cujos nomes lá se indicam a seguir, e «feitas as limpezas e devidos arrumos era a Casa inaugurada a 4 de Janeiro de 1948, dia do Santíssimo Nome de Jesus». Quer dizer, esta Casa do Gaiato celebra as suas «Bodas de Prata» no princípio do próximo ano.

Providencialmente, pelo menos assim o pensamos, após várias vicissitudes e escolhos

de monta, estamos vivendo o ano decisivo da vida desta Casa do Gaiato com a próxima entrada ao serviço de novas instalações oficiais, amplas e saudáveis, cujo apetrechamento esperamos esteja em correspondência com a sua condição de oficinas-escolas. Só o facto de todas as dependências ficarem dentro da mesma cerca seria motivo de satisfação. Acresce, por outro lado, que esperamos inaugurar também, durante o período festivo dos nossos 25 anos, a primeira casa de família para 50 Rapazes, com dois pisos independentes, en-

ALGERUZ (Setúbal) * BEIRE (Paredes — Douro) * BEN-
GUELA (Angola) * Cumeada — COIMBRA * R. Ricardo
Espírito Santo, 8 r/c D.ito — LISBOA * MALANJE (Angola)
MIRANDA DO CORVO * PACO DE SOUSA * Rua D. João
IV, 682 — PORTO * SANTIAGO DO INFULENE (Loureiro
Marques) * SANTO ANTÃO DO TOJAL (Loures) * Largo
das Areias — SETÚBAL



PELAS CASAS

DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Eleições — Tivemos, como é habitual, nova eleição de Chefes na nossa Casa. Para Chefe Maioral foi votado o António Martins, já Sub-chefe, com maioria absoluta; e para sub-chefes foram escolhidos o Manuel Zé e Cantarte. Foi no princípio de ano novo. Depois do pequeno-almoço reunimo-nos todos os que tínhamos o exame da 4.ª classe com catorze anos e com um pouco de pensar. Antes de começarmos a votação pusemo-nos todos de pé a rezar, a pedir ao Senhor que iluminasse a nossa mente e nos desse mais pensar naquele momento em que se ia realizar a nossa escolha de Chefes.

E também pedimos ao Senhor que desse mais força de vontade aos novos chefes para que saibam conduzir-nos todos para o bem. E foi assim que terminámos a eleição. Mas não faltou a alegria!



O António Martins, Chefe eleito.

Agricultura — Estamos a terminar a apanha da nossa azeitona que este ano é muito pouca, pois faz mu-

ta falta numa Casa como esta. Tere-
mos só uns 500 litros de azeite.
As nossas favas já deitaram
algumas os grelos de fora; pois
Deus queira que a geada não as
queime e cheguem a crescer e car-
reguem de fruto para que depois
as possamos saborear.

Ginástica — Começaram as nos-
sas lições de ginástica. O nosso pro-
fessor é o Carlos Manuel que tam-
bém é professor numa das nossas
escolas primárias. Ora para termos
ginástica temos de ter equipamento
e sapatilhas. O nosso sapateiro até
ficou atrapalhado quando fomos
pedir sapatilhas para o treino e ele
disse-nos que não era possível, por-
que não havia para todos. Pois um
do grupo teve logo esta ideia: pedir
a todos os nossos amigos que se
tiverem alguma dessas coisas espe-
ramos por elas e a malta agradece.
Isso acontece também com as chu-
teiras e as bolas de futebol. Pois se
algum clube desportivo nos resolver
este problema toda a malta agrade-
ce; se nos quiserem visitar nós
também vos aceitamos com todo o
prazer.

Festas — Já começaram os en-
saio para as festas que, este ano, são
mais do que no anterior. Todos estão
interessados em participar nelas e
esperamos que façam por ensaiar
bem. As festas não são só para re-
cebermos coisas boas e também comer-
mos. Nas Festas também se tra-
balha, para dar entusiasmo a todos
os espectadores e especialmente
aos que ainda não participaram em
nenhuma delas.

Carlos Gomes

CALVÁRIO

Natal e Ano Novo — Cada Natal
para os que aqui se encontram é de
um significado que por vezes não
sabemos dizer o que se passará em
cada um deles. É uma reunião fra-
terna no nosso salão, a lareira a irra-
diar calor. E comer umas coisas que
homens de boa vontade nos ofere-
ceram para termos a certeza de que
não somos esquecidos. Pois tanto
em visitas como por outros meios
muitos concorreram para a nossa
boa disposição. Foi uma festa à nos-
sa maneira. Que teve o condão de
avivar e fazer alguns recordar a sua
vida anterior. Cito o testemunho de
alguém que aqui se encontra:

«Nem quero que me lembre...
só em ver que aqui neste Natal
nestas festas, nada me faltou, desde
as batatas com bacalhau, troncuda,
vinho verde (desta Quinta) até a
bolos, fruta e tantas coisas boas que
nos trouxeram pessoas amigas a
nossa Casa! Nem quero lembrar um
Natal especialmente em que eu
andava a guardar gado numa serra!!
E aí passei a noite de Natal... Não
Tinha outra coisa nessa noite; apenas
umas poucas de batatas e mais nada!

Tenho a impressão que muitos
cães passariam melhor nessa altura
do que eu a comer as batatas cozi-
das por mim — sem sal sequer!...

Desculpe. Nem me quero lem-
brar!»

Como seriam diferentes as festas
de Natal e Ano Novo se os homens
sentissem realmente a Mensagem
de Cristo!

Estávamos no fim da nossa reunião
familiar aonde se procurou viver
em fraterna união. Os testemunhos
ouvidos deram provas disso mesmo.

Reconhecemos as falhas que não
serão fáceis de remediar. Pelo
menos com um esforço — grande
ou pequeno — de cada um acredi-
tamos que tudo é possível realizar.
Um dos nossos amigos de Paredes,
como que a representar tantos que
gostariam de estar connosco em cor-
po naquela noite de Natal, sentiu
pena de ter chegado tão tarde! Nunca
é tarde para quem quer
amar... especialmente estes habi-
tantes do Calvário e outros seus
irmãos.

Calou bem fundo o seu teste-
munho caro amigo e de todos aque-
les que não hesitam em demonstrar
— com obras — que perceberam
a Mensagem!

Neste começo de ano queremos
desejar a todos que nos aceitem tal
como somos. E que haja Paz nos
corações... para haver Justiça nas
nações!

Manuel Simões

Notícias da Conferência de PAÇO de SOUSA

Neste mundo — porque em evolu-
ção — os homens tornaram difícil
a resolução de determinados pro-
blemas de base, por velhas omis-
sões. Daí, agora uns comem o bolo
e outros roem os ossos...

Vamos cruzar os braços e deixar
passar?

Está neste caso o actualíssimo pro-
blema da terceira idade.

Houve — e há — os que desapa-
receram contentes com a sua misé-
ria. Outros, que se arrastam penosa-
mente. Ainda outros que, mais
sensibilizados — e afastados de rega-
lias de momento — sofrem penosa-
mente no corpo e no espírito: «de
nós ninguém fez caso...!» Terrível
acusação!

O trabalho dos vicentinos no meio
rural é muito doloroso. Sobretudo por
não podermos infelizmente seguir
a ordem lógica da nossa acção...
Temos de reparar (servir de remen-
deiros) ou minorar, entre outras,
mais esta omissão: dar o pão de
cada dia aos velhos; com a nossa
presença activa, perseverante e
amiga.

Se custa muito ajudar a promover
um homem jovem, necessitado, por
deficiências d'ordem moral ou fami-
liar, não custa menos ser paleativo
(quantas vezes!) dum inválido ar-
rastado — sem pensar; dum ope-
rário, velho e doente, de mãos
calejadas — sem pensar; dum jor-
naleiro do campo — da mesma
forma. Custa muito! Remendamos
uma falta, quando deveríamos ser
mas é um complemento...

O terrível flagelo dos nossos
dias (de sempre, afinal) é o mimo-
sear-se em cheio, braços plenamen-
te activos e desacompanhar ou
relegar para segundo plano os
trópeamente caídos — queimados
por longa vida de trabalho árduo;
e, por fim, vítimas do jogo das re-
gras económicas...

Porque não acudir aos dois lados
— por mor da Justiça? Fala-se tanto
em direitos! E esquece-se o direito
de viver — que é obrigação — para
todos os velhos! O como da solu-
ção transcende-nos naturalmente.
Todavia, o porquê está ao nosso
alcançe — de todos os que sentem

na sua carne o sofrimento imerecido
dos Pobres.

O que recebemos — A abrir a
nota, chega-nos um tesouro de
Coimbra:

«Para o Natal dos seus Pobres,
o que sobra do meu. Ainda não
tenho coragem para ficar com o
que sobra e dar-vos o resto. Rezem
por mim».

Velha amiga de Ois da Ribeira
com 50\$00. O mesmo de Outeiro
de S. Tiago (Oliveira de Azemeis).
Atenção oliveirenses: este ano va-
mos ter festa em Oliveira de Azemeis.
Os amigos daquelas bandas tomem
nota do dia que anunciamos noutra
lugar. Mais 15\$00 de Figueira de
Castelo Rodrigo. Mais presenças da
rua de Saragoça — Coimbra, e Erme-
sinde. Ainda mais do Porto assinan-
te 14988 e Bairro de Paranhos.

Finalmente Maria Emília de algu-
res, e o reitor dum liceu da capital e
outra vez o Porto — Avenida
Fernão de Magalhães.

Para todos muito obrigado.

Os vossos donativos devem ser
remitidos expressamente em nome
da Conferência de Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Lar Operário em Lamego

As festas do Natal foram mo-
tivo para os Rapazes do Lar de
S. Domingos irem até junto de
suas famílias. Alguns foram e
não voltaram, estando, todavia,
tudo previsto. O «Zequim» disse
que ia para o Porto. Estava con-
nosco há 5 anos e por deficiência
numa das pernas aprendeu a
alfaiate. O patrão dava-lhe ulti-
mamente 40\$00 por dia, come-
çando a ser horas de deixar o
lugar para outro. O Lar de S.
Domingos, em Lamego, é apenas
um ponto de passagem para
aqueles que, sendo pobres, mas
com boa vontade, desejem apre-
nder uma arte, não encontrando
esta possibilidade nas suas ter-
ras. Nem todos aproveitam. Mui-
tos começam, estão por aqui uns
meses e depois, por diversas ra-
zões, abandonam. Ficamos sem-
pre tristes quando isto acontece,
pois há prejuízo moral e mate-
rial para eles e para o Lar. O
«Zequim» aproveitou o tempo e
tinha a estima dos que lidavam
com ele. Tinha mesmo a respon-
sabilidade de chefe junto dos
companheiros. Comprometeu-se a
não esquecer a Casa, ficando ain-
da ligado por obrigações que
esperamos venha a cumprir.

Houve mais dois que não vol-
taram, mas não podemos dizer
que tivessem aproveitado. Em-
pregaram-se todos os meios e
finalmente tivemos de constatar
que estavam a ocupar um lugar
que não lhes pertence.

Temos a preocupação de viver
em família, notando, que a maior
parte dos Rapazes vive à mar-
gem. Não olham para os cari-
nhos que lhes são dispensados,
nem vêem o sacrifício dispen-
dido para conservar aberto o Lar
de S. Domingos. Não há subsí-
dios oficiais e as despesas são
cobertas exclusivamente com os
donativos dos benfeitores e ami-
gos, com os resultados das tòm-
bolas e com uma diminuta coope-
ração dos Rapazes. As famílias
nada pagam porque são pobres,
sendo das normas do Lar que
enquanto ali permanecerem en-
treguem tudo o que recebem.
Isto é da mais elementar justiça.
Pois acontece que fogem o mais
que podem a esta obrigação. As
suas atitudes muitas vezes pare-
cem afirmar que fazem favor
em estar ali!!! No meio destas
«complicações» também se desco-
brem casos dolorosos. Um dos
Rapazes que há pouco «falhou»
é de família extremadamente po-
bre. Hoje tem 16 anos e o pai
adoeceu quando ele tinha 2, con-
tinuando sempre de cama. Pa-
gam ainda renda de casa e para
todas as despesas está a Mãe
com 15 escudos por dia quando
pode trabalhar. Ficámos sence-
ramente embaraçados com a solu-
ção. Por um lado as necessidades
do Lar; por outro lado as afli-
ções do Rapaz por ver assim a
família e querer ajudar com os
que agora recebe. Fizemos «ser-
mão» mas no íntimo ficamos com
o propósito de o tomar à nossa
conta, contando com a colabora-
ção dos que vivem os nossos pro-
blemas.

Padre Duarte

BENGUELA

É a primeira vez que escrevo
para este nosso e vosso jornal «O
Gaiato». E antes de mais nada
desejo-vos apresentar algumas das
nossas notícias.

Nós somos uma Comunidade de
cerca de cento e vinte Rapazes!

Futebol — A nossa equipa parti-
cipou num torneio de futebol de
Salão na Catumbela. E tivemos outro
torneio corporativo realizado em
Benguela. No torneio de Futebol de
Salão ficámos em 4.º lugar. E em
Futebol de Onze alcançámos um
precioso 3.º lugar.

Lavoura — O cacimbo acabou.
As batatas já foram colhidas. Mui-
tas camionetas de Luanda vieram
buscá-las e o resto ficou para o con-
sumo da Casa, até porque fizeram
bem jeito no Natal.

Batatas cozidas com bacalhau...

Pedidos — Antes de mais nada
queria fazer-vos um pequeno pe-
dido: os nossos «Batatinhas» todas
as noites reúnem no pátio da Casa
mãe a cantar.

Caros leitores, se vós por acaso
tiverdes aí rebuçados que estejam
a ocupar lugar em vossas casas,
agradecemos que no-los mandem
para lhes adoçar a boca. E agrade-
cemos os que já nos têm mandado.

Já me esquecia! Precísamos de
um harmónio, mesmo que seja
pequeno. Agradecemos que no-lo
mandem.

Lavoura — Temos algumas cou-
ves estragadas. O «Machico» e o
José Bronze vão imediatamente
buscá-las para dar aos porcos.

Obras — A segunda casa para
residência está quase pronta. E já
está marcado o terreno para o salão
de festas.

Recebemos muitas lembranças
no Natal.

Manuel Dias



FESTAS

Carta à Família dispersa

Conforme o prometido no derradeiro número do nosso Jornal, aí vai o cartaz das nossas Festas na zona norte. E voltamos a pedir: Cuidem os interessados de guardar esta notícia, pois não poderemos abundar na repetição dela «sem prejuízo do normal recheio do Famoso».

Os ensaios continuam. Muito discretos. Eu ainda mal dei fé...! Dizem-me que vão mais adiantados que os outros anos... Ainda bem para evitar precipitações e sustos à última hora.

Também me disse maestro Miguel de Oliveira — que há tantos anos faz o favor de adaptar aos músicos que nos acompanham, os números escolhidos pelo Responsável da Festa — também ele me disse que Bernardino fôra muito feliz na escolha e que o Público havia de gostar. Assim seja...!

E mais não digo, porque mais nada sei.

fevereiro

BRAGA Dia 25

PENAFIEL

Cine-Teatro S. Martinho

AMARANTE Dia 29

Amarante Cine-Teatro

Março

PORTO Dia 2

Coliseu do Porto

Bilhetes à venda: no Espelho da Moda à rua dos Clérigos 54 e nas bilheteiras do Coliseu.

V. N. FAMALICÃO Dia 7

Cine-Teatro Augusto Correia

ESPINHO Dia 8

Teatro S. Pedro

BRAGA

Teatro Circo

MONÇÃO Dia 11

Cine-Teatro João Verde

OLIVEIRA DE AZEMEIS Dia 14

Cine-Teatro Caracas

LAMEGO Dia 15

Teatro Ribeiro Conceição

AVEIRO Dia 17

Teatro Aveirense

N. B. — Oportunamente, os bilhetes estarão ao dispor dos nossos Amigos, em cada uma das bilheteiras das referidas Salas.

Dia 9

Dia 11

Dia 14

Dia 15

Dia 17

Sempre as voltas por esse mundo, onde se acha dispersa a nossa grande Família, têm sabor a faina de colheita, tão mais exultante quanto maior foram os trabalhos da sementeira. Foi assim uma vez mais esta passagem de cinco meses por terras africanas, terminada em vésperas de Natal. Este, outra ocasião de encontros felizes, ditados menos pelo hábito dos cumprimentos da época, do que pela amizade, por um sentido vivo de laços familiares que perdura, justamente, no coração de tantos, desde a África do Sul à França e Inglaterra, desde a Austrália ao Brasil... e por cá.

É uma compensação grande, que alimenta a nossa fragilidade, esta recolha de certezas, enquanto dura permanentemente a inquietação e a luta por uma geração a formar-se que, muito naturalmente, não está em idade de compreender nem de corresponder com justiça à dedicação de que é objecto.

Dizia-me um, que «deu muita água pela barba» e hoje se regala no seu filhinho: — Agora é que eu compreendo... E não compreendo como V. têm paciência para tanto!

Este pôs o dedo na ferida! Nós também não compreendemos e não encontramos outra explicação que não seja a graça de estado devida por Aquele que nos chamou a esta vida. E como Ele não é mau pagador..., não se engana, nem nos engana... — cumpre, assistenos, faz-nos poder o que a nossa dimensão não suportaria. Eis!

Ora aí está o que vos queria dizer: Nos meus ouvidos soa e ressoa aquela palavra de Pai Américo no Coliseu do Porto em 1954, de que o público se

fez eco em seu aplauso:

«É preciso pôr Deus no Seu lugar...! É preciso pôr Deus no Seu lugar...!»

Tantas razões nos conduzirão a tal caminho! É a Sua presença à nossa vida, que só por cegueira não lograremos ver.

É a experiência da superação de horas difíceis, desproporcionadas à nossa capacidade e no entanto vencidas — o que gera a pergunta: — Como?, por que força venci?

É a sorte que, através de tantas contingências e a partir de tantos pontos díspares mas comumente tristes, nos sorriu e nos levou a uma harmonia, a uma suficiência, a uma fecundidade que são alicerces objectivos de felicidade, quanto se pode tê-la na Terra!

E no entanto, para aqueles que se estabeleceram longe da sua terra natal, que foram para legítimo arranjo de vida, sempre permanecerá séria tentação um tal cuidado desse arranjo, que bem pode atrofiar outras preocupações de ordem superior.

Não sei como será nas terras estranhas, senão pelo que em geral se ouve dizer dos emigrantes. Mas no nosso Ultramar ainda se não diluiu definitivamente a ideia da «árvore das patacas», posto há muito ela tenha secado, sem qualquer hipótese de reviver. É denso o ar materialista que se respira. Val-se, geralmente, menos por vocação do que para ganhar melhor a vida! E não será de que tão bem querer ganhá-la, se ponha em risco a Vida?!

Aí — como afinal em qualquer terra onde existe o homem, sempre atraído pelos bens deste mundo — é, de verdade, bem preciso pôr Deus no Seu lugar: Deus — nossa Origem; Deus — nosso fim; Deus — nosso Companheiro na caminhada da vida, na pessoa do Seu Cristo, no sopro do Seu Espírito. Sem Ele, até pode prosperar a vida. Mas depois?... E a Vida?...

Que o Deus da nossa paciência, da força transfigurante da nossa pequenez, seja a Bênção de toda a nossa Família.

E que, não menos do que naquela hora o Povo que enchia o Coliseu, os filhos de Pai Américo jamais deixem de sublinhar, não com suas palmas, mas em sua vida, a urgência que então ele proclamou:

«É preciso pôr Deus no Seu lugar...! É preciso pôr Deus no Seu lugar...!»

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

perseverante e de luta sem tréguas em ordem à conquista de condições dignas para os Rapazes. Suores, fraquezas, incom-

Lourenço Marques

Cont. da PRIMEIRA página

todos os reflexos dessa perda de tempo nomeadamente a impossibilidade de ir almoçar ou almoçar mal; a impossibilidade da vida familiar em casa, onde se chega e donde se sai com os filhos a dormir — são factores que encarecem o problema. Por outro lado para aqueles que ficam na cidade os direitos que venham a ganhar à habitação não podem acarretar encargo da renda que cerceiem os meios da subsistência, nem a melhoria do nível da vida a que todos devem tender.

Neste momento há clareiras grandes abertas no meio do Caniço. Que as medidas adoptadas definam normas sociais de progresso e bem estar e não desloquem os problemas simplesmente para uns quilómetros mais além.

Padre José Maria

preensões e até a ingratidão não deixarão de surgir. Mas que importa, se nos batemos por um Ideal de fraternidade que tem a sua autêntica raiz no próprio Deus Humanado?

Vamos tentar aparecer pelos púlpitos das Igrejas de Lisboa e dos arredores, contando com a colaboração dos respectivos Párocos e dos nossos ouvintes. Esperamos que a Câmara de Loures se disponha a colaborar connosco na instalação da cabine eléctrica e no abastecimento da água, absolutamente basilares. Será, quanto a nós, o reconhecimento do que tem sido feito na área do Município pela Obra do Padre Américo ao longo destes anos e que, uma ajuda anual da ordem dos 3 contos ou menos, parece minimizar, tratando-se como se trata da mais importante Instituição do género existente no Concelho. Contamos finalmente com o próprio trabalho e com a presença de sempre dos nossos Amigos, crentes ou não crentes, sem aceção de cores ou partidos, na convicção de que, mãos dadas e sem preconceitos, todos juntos, estaremos a construir um Mundo melhor.

Finalmente, no dealbar de 1972, renovamos apelo aqui feito no ano transacto em ordem à campanha dos X 20, que prome-

teu mas depressa caiu no esquecimento da maior parte. Será uma maneira prática dos nossos leitores e Amigos se associarem à jornada das «Bodas de Prata», que apontam já no horizonte. Aos que vivem perto de nós juntamos o convite duma visita na primeira oportunidade. Quanto melhor nos conhecermos mais possibilidade temos de nos amarmos e vendo com os próprios olhos facilmente enxergaremos a verdade do que aqui se escreve: palavras traduzidas em actos.

Padre Luís



Cont. da PRIMEIRA página

peripécias da sua vida. A vida e a idade tornaram-no muito homem.

Veio o Fernando Pedro. Veio de Rio Tinto na sua moto e a moto foi um centro de atracções. Traz sempre alegria para nos dar.

Veio o António (Castelinho). Nunca teve família. Nem na cédula... Só António... Fez as boróinhas e cozeu o pão e amassou as filhós e tocou flauta. Uma delícia de manjar! Todos os anos aparece a dar-nos esta consoladela.

Veio o Tónio. Tem cá os dois

irmãos mais novos e por uns minutos não se encontrou com o irmão mais velho, o nosso Zeca. Veio combinar e convidar-nos para o seu casamento.

Vieram outros casados e solteiros. Chegaram-nos dezenas e dezenas de cartas e cartões daqueles que não puderam vir. O Natal deixa-nos sempre este doce. Doce que é fruto de sermos uma família. Família que marca profundamente pais e filhos. Família constituída pelo Pai e três filhos há trinta e dois anos e que tem crescido e dado tantos e tão bons frutos.

Padre Horácio



Setúbal

Sem esquecer a sábia perspectiva de Pai Américo «Nós somos a seara imensa onde cresce o trigo e o joio», o nosso Natal foi feliz. Se não fosse o peso da minha miséria, atrever-me-ia mesmo a dizer que não houve Natal mais feliz do que o meu, em todo o mundo.

Vieram notícias de todos os cantos. Desde há muitos anos que fazemos um esforço crescente por tornar nova, sensacional e atractiva a festa do Natal.

É a récita para o povo simples e amigo que rodeia a nossa Casa. É a Missa da meia-noite!... É a consoada!... São os cantares dos mais velhos até alta madrugada!... São as prendas postas no sapatinho de cada um, aos pés da cama, quando o pesado sono toma conta dos sentidos... É a sensação do acordar e ver o que lhes trouxe o «Menino Jesus». É o amor e carinho que procuramos significar sem excepção para ninguém. As prendas do Natal não são prémio. São incentivo!...

De várias partes de Moçambique, tropas e civis nossos, mostraram saudade do Natal da Casa do Gaiato. De Angola, do Norte, do Sul e do Leste eles estiveram presentes com cartas e cartões de Boas Festas. Da Guiné, da terrível guerra da Guiné, recebemos amorosos abraços repassados de ternura e de votos de Bom Ano Novo! Do Porto, de Coimbra, de Lisboa, do Alentejo, de Setúbal, eles marcaram presença, com dádivas, com cartões e com visitas!

Os amigos vieram!

Eu esperava-os. Precisava deles e da sua ajuda!...

A Quinta do Anjo veio em grupo, por várias vezes preparar a roupa. Trouxe carinho e mimos de todas as qualidades. Palmela também. De Azeitão vieram três contos e colchas para as camas. A Junta de Freguesia de S. Sebastião, a que pertencemos, sempre nos tem lembrado de forma especial, por esta quadra. Este ano marcou. Eu tinha-me queixado ao Senhor Presidente: — Devo muito! Ele é velho amigo. Compreende-nos. Ama-nos. A Junta deu vinte contos. Que os seus sucessores aprendam a lição e não nos esqueçam. A Junta de Freguesia de Sta. Maria soube também das nossas aflições e mandou três mil escudos. Da de S. Julião, mil; e da Junta da Anunciada, quinhentos. Sempre as Juntas de Freguesia nos puseram no rol dos seus Pobres. E somos. E também agradecemos. A Escola Industrial organizou campanha

e veio viver connosco um dia, com professores e alunos. Deixou-nos muitas coisas boas e 2.040\$00.

As Funcionárias da Caixa de Previdência carregaram-me com mimos de toda a ordem e entregaram 610\$50. Queremos pedir-lhes que continuem a ajudar-nos e não entendam mal quem não sabe exprimir-se bem.

Para meias solas, cem. Da Rua das Amoreiras, de Lisboa, 300\$00 para os Pobres. Do Porto, um casal amigo que manda todos os meses, 200\$00. Um médico com a assinatura, quinhentos. Uma Senhora amiga trouxe ao Lar dois mil. «Para uma gotinha de água no seu oceano», 500\$00. Quinta do Anjo mais: vinho, azeitonas e 200\$00.

Um grupo de jovens de Azeitão veio fazer festa aos mais pequenos e trouxe brinquedos e 4.362\$90. Dum Amigo, mais cem na mão e mais quinhentos de outro e mais mil de outro por um empregado. Os empregados da S. A. P. E. C.

mandaram um vale de 3.375\$00.

Um amigo de há muitos Natis veio desobrigar-se com dez mil. Os «Manos da Casa Branca» mandaram mil pelo «Char-rua». O «Setubalense» entregou-nos 2.500\$00 de dádivas recolhidas durante o ano. Por uma promessa 250\$00 e bombons. Com B. F. mais quinhentos de outro Amigo. Da Herdade do Perú, 3.970\$00. Dum arquitecto, boroas e mil. Mais outra desobriga muito costurada nesta quadra, mil. Uma ourivesaria, cem. O Rotary Clube de Setúbal trouxe pelo seu Presidente, mil. Um amigo muito velho e fiel, mil. Os primeiros abonos do Zé, cem. Da Maria do Carmo cem e da Guida, cem. Visitante de Palmela, cem. Por alma do marido e a pedir oração, 3.000\$00. De outra esposa pelo mesmo motivo, quinhentos. Um vale do correio com 600\$00 e outro com cinquenta. Outro com quinhentos. Mais bolos e mais boroas e mais bolos reis.

A catequese de S. Julião trouxe brinquedos. O Externato Diocesano fez a sua campanha já costumada e elegue-nos para seus Pobres. A Academia Luisa Todi, do mesmo modo.

Que o Senhor a todos encha de graças e alegria, são os votos dos Gaiatos mais do

Padre Acílio

Doutrina

Eu era neutro. Mas há vinte e poucos anos, quando me iniciei nesta vida, ainda seminarista, tive de abandonar minha posição de indiferença e de escolher clube. Poderia hoje justificar melhor a eleição, mas a verdade é que preferi o Benfica e benfiquista sou. Sucede, pois, que após cada jornada importante em que o Benfica intervém, de um de dois cercos me não livro: Ou são os «adversários» afeitos-me, se a sorte não sorri às minhas cores; ou são os con-adeptos congratulando-se, quando a vitória nos bafeja.

Domingo foi dia carregado de emoção: Sporting-Benfica, nada menos! Estava eu no alpendre da nossa Capelinha, tomando o sol com um dos nossos casados e o seu ranchinho, quando das Escolas surge um pequenito, eufórico, que me vem comunicar o resultado: «3.º golo de Benfica! 11 contos para cada jogador!»

Chocou-me o grito, como um súbito mergulhar em neve naquele momento de delicioso sol. Pois o 3.º golo sem resposta era de pôr em vibração o pequenito benfiquista! Mas os 11 contos — o que têm a ver com aquela exultação?! Porque se comprem golos a quem já é pago para os fazer?! A quem, sem qualquer outro título senão o do puro desportivismo, deveria empenhar-se em fazê-

-los, pelo brio da camisola que enverga, pela correspondência devida ao numeroso público que pagou seu bilhete para assistir a um espectáculo de competição!

E porque anunciou aquele pequenito, em clamor de vitória, os 11 contos prometidos a cada jogador, — ele que ainda nem terá ideia exacta do que são 11 contos, nem qualquer vantagem deles colherá?!

É um ar viciado que se respira! Que contagia, sem qualquer complicitade, até os inocentes! É um assunto que enche as conversas ao longo da semana. E a feira das trocas de jogadores?... E as «luvas» que nela se praticam?... E os ordenados escandalosamente desproporcionados à nobreza intrínseca do ofício?... E ainda por cima esta gorgeta inferior, sinal de que a confiança nos homens é valor cada vez mais deteriorado na grande Bolsa da vida, de tal modo que há que provocar «dopping» em cada caso com um suplemento de estímulo — que o sentido do dever e a coerência na acção, já não bastam!

Denuncia-se a droga, as perversões... Mas não é o dinheiro **endeusado**, a primeira das drogas, a razão final de tão retumbantes traficâncias, que atingem já os mais altos níveis à escala internacional?!

Criatura dos homens, o di-

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Novos leitores

Dia a dia, é verdadeiramente apaixonante o extraordinário interesse — e doação — dos nossos leitores pelo rejuvenescimento de fileiras do nosso Jornal!

Mais apaixonante ainda, quantos vêm pelo seu pé, melhor, pelo seu punho, oferecer-se — pessoalmente — como assinantes do «Famoso»! E são cada vez mais!!

● A METRÓPOLE DE LÉS A LÉS

Como a palavra é dos leitores — obreiros da cruzada — paremos em Coimbra, que serviu de tarimba a Pai Américo:

«...aqui vai mais um nome, que aguarda ansiosamente o vosso jornal, desde que lhe falei que a ia propor para assinante. E das fixas; portanto, é começar já a enviá-lo, até mesmo o que saiu na última tiragem...»

Como «grão a grão enche a galinha o papo», eu vou continuando a enviar um grão de cada vez, pois o Senhor dá sempre uma oportunidade quando nós queremos trabalhar...»

Mas que trabalho perfeito, em todas as perspectivas! Hão-de vir mais leitores de Coimbra, sim senhor... Bem dito, bem feito! Apareceu logo uma lista rascunhada pelo nosso Padre Horácio!!

E que dizer, também, daquela leitora de Porto Salvo? Af está com mais dois novos leitores de Lisboa! A capital vai engalanada com um bom grupo. E, ao lado outro do Porto — com o mesmo entusiasmo. Em ambas as colunas vão alguns propondo-se directamente: **Eu quero ser assinante...** Gosto tanto, tanto deste verbo! É a melhor expressão dum sim.

nheiro alcançou-se ao altar de Mamona, deus cruel e tirano que escraviza, que desumaniza os seus criadores.

Sempre o dinheiro estará nos bastidores de todas as tragédias. Toda a fogueira dos vícios é soprada pelo interesse, patente ou escondido, do dinheiro. Jogo, prostituição, espectáculos brutalizantes, toda a sorte de escravaturas que se mantém neste século de ciência e auto-suficiência, guerras... — tudo tem por móbil o dinheiro.

Bem disse o Senhor Jesus Cristo que se não pode servir a Deus e a Mamona. Oportunamente declarou que mais difícil do que passar um camelo pelo fundo de uma agulha, é um rico (homem que deixou aprisionar a sua alma por Mamona) entrar no Reino do Céu.

Cristo disse. A História demonstra. A experiência de todos os tempos confirma.

Que temem os Responsáveis para sair da sua morneza e tomar decisões drásticas de profilaxia social?

E lancemos os olhos de norte a sul:

Temos Figueira da Foz, Castanheira de Pera, Tomar, Minde, Bragança, Mangualde e Caldas da Rainha. Mais Elvas, Guilhufe (Penafiel), Laborim de Cima (Gaia), Fermentões (Guimarães), Amadora, S. Pedro do Estoril, Parede, Santo Adrião (V. N. Famalicão), Venda Nova (Amadora), Pedrouços (Areosa), Rio Tinto, Vila Viçosa, e Trofa. Um mundo de gente!

● ESTRANGEIRO E ULTRAMAR

Presenças de Valência (Espanha), Daubury Conn (U. S. A.), e mais N. Smithfield e Woonsocket, também da América do Norte.

Do Ultramar português, registámos novos leitores de Timor, Caála (Angola) e vários S. P. M.

Para todos, votos de Santo Ano Novo.

Júlio Mendes

Cantinho de Poesia

Reflexão!

*Gosto das flores,
Das vozes profundas
E do meu professor de inglês!...*

*Gosto de florestas,
Do pôr do sol,
(De cavalos também!)
E das mãozinhas de bebé!...*

*Gosto de rendas,
De cabelos longos,
De olhares expressivos...
E do meu professor de inglês!...*

*Gosto de pensar
Nas coisas de que gosto:
Nas cores dos passarinhos,
Nos sons do violino,
Nas águas das cascatas corren-
[do!...*

*Gosto de pensar
Nas coisas que me intrigam:
Viagens à lua,
Se o universo é finito,
E o que será o dia de ama-
[nhã?!]*

*Gosto também desta saudade
Que me impele:
Do convívio com os amigos,
Das histórias do meu avô,
E das recordações da meninice!...*

*— De que gosto mais?
— Gosto de pensar
Em noites frias
À lareira sentado:
Nesta sede imensa de realização.
Neste desejo intenso de ser dife-
[rente.]*

Bissau, 1 de Dezembro de 1971

Rogério



TRANSPORTADO NOS AVIÕES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE